

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

Lucas Malachia da Silva

BULLYING E INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS PÚBLICO-ALVO DA
EDUCAÇÃO ESPECIAL

SÃO CARLOS
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

Lucas Malachia da Silva

BULLYING E INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS PÚBLICO-ALVO DA
EDUCAÇÃO ESPECIAL

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
curso Licenciatura em Educação Especial da
Universidade Federal de São Carlos, como exigência
parcial para sua conclusão.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Amélia Almeida

Co-Orientadora: Prfa. Dra. Iasmin Zanchi Boueri

SÃO CARLOS

2014

Dedico este estudo aos jovens e crianças que em algum momento de sua vida passou por problemas relacionados ao *bullying*, a todos aqueles que já se sentiram excluídos e oprimidos diante a vida escolar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram com a conclusão do presente trabalho, a minha família pelo grande apoio nos estudos, aos amigos, e diretamente pela atenção da professora orientadora Dra. Maria Amélia Almeida e da co-orientadora Profa. Dra. Iasmin Zanchi Boueri.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO.....	8
2 INTRODUÇÃO.....	9
3 JUSTIFICATIVA.....	17
4 OBJETIVO GERAL.....	18
5 MÉTODO.....	19
5.1 Participantes.....	19
5.2 Local	19
5.3 Materiais e equipamentos.....	19
5.4 Instrumentos.....	20
5.5 Procedimentos éticos.....	20
5.6 Procedimentos de coleta de dados.....	20
5.7 Procedimento análise de dados.....	21
5.8 planejamento para devolutiva dos dados para as instituições participantes..	22
6 RESULTADO E DISCUSSÃO	23
6.1 Sobre as respostas dos alunos diante ao termo bullying.....	23
6.2 Sobre as respostas dos professores e funcionários da escola diante o termo bullying.....	29
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	32
APÊNDICES	35

ÍNDICE DE TABELAS / QUADROS / FIGURAS

Quadro1. Descrição das ações que podem estar presentes na prática do <i>Bullying</i>	11
Figura 1. Porcentagem de respostas dos alunos quando questionados por quais situações já enfrentou na escola.....	23
Figura 2. Porcentagem de respostas dos alunos quando questionados por quais situações de <i>bullying</i> já enfrentou na escola.....	24
Figura 3. Porcentagem de respostas dos alunos quando questionados quais os locais que mais observaram cenas de <i>bullying</i>	26
Figura 4. Porcentagem de respostas dos alunos quando questionados qual a reação do aluno quando é alvo de <i>bullying</i>	27
Figura 5. Porcentagem de respostas dos alunos quando questionados sobre como se sentem ao ver outro colega sendo alvo de <i>bullying</i>	27
Figura 6. Porcentagem de respostas dos alunos quando questionados como se sentem ao praticar <i>bullying</i> com um colega.....	28

RESUMO

Nos dias atuais o *bullying* está presente em qualquer ambiente, principalmente no escolar, com diferentes níveis de agressividade, frequência e intensidade. O *bullying* não se trata apenas de agressões físicas, mas também verbais e psicológicas que podem traumatizar as vítimas para o resto da vida. Na maioria dos casos o agressor escolhe uma vítima vulnerável, alguém menor, mais fraco, com alguma aparência física atípica, ou mesmo algum aluno público-alvo da Educação Especial. Desta forma a presente pesquisa tem como objetivo geral investigar, de questionários aplicados em professores, funcionários e alunos do ensino fundamental, a ocorrência e descrição de práticas de *bullying* com o público-alvo da educação especial no contexto escolar. O estudo foi realizado em uma escola comum da rede particular de ensino de uma cidade do interior do estado de São Paulo. Participaram da pesquisa 08 alunos, sendo um com deficiência, 02 professores e 01 funcionário. Para a coleta de dados foram utilizados questionários com múltiplas escolhas. Os dados revelaram que uma boa parte dos alunos investigados, inclusive a aluna com deficiência, já foram alvo de *bullying* e que o tipo mais comum praticado foram os apelidos, seguido de agressões e ameaças. Entretanto nenhum aluno relatou ter praticado esses tipos de *bullying* com a colega com deficiência. Em relação aos locais/momento da prática *bullying* o mais indicado foi na hora do recreio. Entretanto a aluna com deficiência indicou que os locais que ela já sofreu *bullying* foi na sala de aula e no refeitório. Em relação ao enfrentamento quando são vítimas de *bullying*, a maioria dos alunos respondeu que preferem ignorar ou pedem para parar as agressões. Já a aluna com deficiência diz que chora quando isso acontece. Em relação a como se sentem ao ver um colega sofrendo *bullying*, as respostas mais indicadas foram: sentir-se mal, sentir pena do colega e medo que acontecesse consigo. Ao serem questionados como se sentem quando praticam *bullying* contra algum colega, as repostas mais frequentes foram: sentir-se mal e sentir pena. Quanto aos sentimentos de professores e funcionários em relação ao *bullying*, todos indicaram saber lidar com práticas de *bullying* e que apelidos, agressões e perseguições são as práticas mais comuns. Em relação às brigas entre alunos, foram unânimes em afirmar que a melhor alternativa é conversar com os envolvidos. Todos afirmaram que nunca presenciaram nenhum ato de *bullying* para com os alunos com deficiência. Apesar das limitações do estudo por conta do número reduzido de respondentes, é possível concluir que o *bullying* está presente nas escolas e que mais pesquisas precisam ser realizadas.

Palavras-chave: Educação Especial, Inclusão, *Bullying* na escola, Violência.

1 APRESENTAÇÃO

A decisão por focar no tema sobre inclusão escolar e abordar com mais detalhes o tema *bullying*, partiu de observações nos estágios e práticas tidas durante o curso de graduação. Desta forma, surgiu o interesse em estudar a temática do *bullying* tendo como foco os alunos com deficiência no contexto da inclusão escolar.

Durante o período da graduação estudei e analisei diversos artigos, trabalhos, livros, revistas científicas, dentre outros materiais que tinham como temática o *bullying*, e ao longo desses estudos, os anseios e expectativas foram aumentando de maneira que despertou o interesse em realizar uma pesquisa quantitativa com alunos matriculados em escolas regulares.

Dentro dessa pesquisa, busco descobrir números que apontem a realidade dos alunos que enfrentam esse “fantasma” diariamente, e saber quais são as práticas de *bullying* mais comuns e frequentes utilizados entre os alunos. E a partir desses resultados, investigar meios que possam neutralizar ou erradicar essas ações que causam tanto sofrimento na vida desses alunos. Porém, vale salientar, que este é um estudo inicial de levantamento sem a intenção de propor intervenções, pelo menos neste momento.

Trazendo e direcionando a pesquisa ao público-alvo da educação especial, que já enfrentam inúmeras barreiras para terem o direito de ingresso e permanência na escola, e ainda muitas vezes passam pelo “pesadelo” de ser um aluno alvo de *bullying*.

Como interesse pessoal, busco a partir da pesquisa descobrir as práticas agressivas e até cruéis que alguns alunos praticam com suas vítimas e ainda gostaria de levantar de onde surgem esses comportamentos e porque são externalizados de forma tão brutal. Entretanto, neste momento este segundo aspecto não será contemplado. Outros aspectos que tenho interesse, talvez para futuras pesquisas, é verificar como esses traumas são tratados mais adiante, a longo prazo, uma vez que muitas pessoas carregam por anos a insegurança e o medo de passar por situações parecidas no futuro.

Concluindo, busco por meio desta pesquisa, encontrar os resultados atuais dos alunos que passam por ofensas, agressões, perseguições ou exclusões além de buscar verificar como elas ocorrem, onde elas ocorrem, e com que frequência elas ocorrem e também quem são os alvos mais escolhidos. Tendo em mãos dados tão importantes, poderei partir para realização de estudos voltados a orientações e combate a essas abomináveis violências físicas e mentais que há muito tempo assombram alguns alunos.

2 INTRODUÇÃO

Leão (2010) nos apresenta em seus estudos pontos cruciais da evolução histórica do fenômeno *bullying* no cenário mundial, que passaremos a descrever sucintamente. Na década de 1970 na Suécia, esses comportamentos passaram a ser investigados e estudados devido ao grande número de jovens que apresentavam problemas de violência, onde quase sempre as vítimas e agressores eram os mesmos.

Entre os anos de 1972 e 1973 pesquisas revelaram a complexidade dos problemas gerados pela violência escolar, assim esse fenômeno foi se espalhando rapidamente pela Europa. Entretanto, esse assunto ganhou grande repercussão anos mais tarde, quando um jornal norueguês publicou uma reportagem onde três jovens entre 10 e 13 anos teriam se suicidado após passarem por graves problemas envolvidos diretamente com o *bullying*. Dessa forma, o país criou o primeiro programa nacional de combate à violência escolar (LEÃO, 2010)

De acordo com Leão (2010) o professor Dan Olweus foi um dos primeiros a realizar estudos sobre violência escolar, esses estudos tinham como objetivo diferenciar práticas de *bullying* de possíveis brincadeiras naturais de crianças, tais estudos também revelaram que 1 em 7 alunos pesquisados estavam envolvidos com *bullying*.

Fante (2005) afirma que no Brasil o *bullying* e a violência escolar são temas pouco estudados e por isso não é possível comparar os índices com os de outros países. A falta desses dados faz com que o Brasil apresente em média uns 15 anos de atraso em relação à Europa nos estudos sobre *bullying*.

Bullying, segundo Oliveira e Votre (2006), é um termo em forma de gerúndio da língua inglesa, cujo autor é chamado de *Bully*, que, em português, muitas vezes é traduzido como valentão, mas de forma errônea, já que nos dicionários ele significa “uma pessoa valente, cheia de coragem” e, quase nunca, os *Bullys* são dotados dessas características, já que praticam um ato covarde contra outras pessoas. Nesse sentido, para Silva (201) e Valle (2011), o *bully* como verbo significa tyrannizar, oprimir, ameaçar, amedrontar, intimidar, maltratar e como substantivo, tem o significado de brigão, fanfarrão, valentão, tirano. A autora Valle (2011) vai adiante e explica que a palavra *bully* pertence à família do “bull” que significa “ touro” e também o macho de baleia, de elefante e outros grandes animais.

Assim, o termo *bullying* vem sendo usado “para designar a prática de agressividade que leva o jovem a ridicularizar, perseguir, humilhar e até a matar aqueles de quem não gosta” (Valle, 2011, p. 10).

Segundo Silva (2010, pp. 7) as principais formas de *bullying* são:

1. Verbal (insultar, ofender, falar mal, colocar apelidos pejorativos, “zoar”)
2. Física e material (bater, empurrar, beliscar, roubar, furtar ou destruir pertences da vítima)
3. Psicológica e moral (humilhar, excluir, discriminar, chantagear, intimidar, difamar)
4. Sexual (abusar, violentar, assediar, insinuar)
5. Virtual ou *Cyberbullying* (*bullying* realizado por meio de ferramentas tecnológicas: celulares, filmadoras, internet etc.)

Palácios e Rego (2006) reconhecem que o tema ainda é pouco abordado cientificamente e isso deveria mudar, tendo em vista o perigo dos efeitos destas práticas e os altos índices de ocorrência. Em outros países “(...) um terço dos alunos já sofreram *bullying* e um a cada quatro estudantes foram vitimados por um(a) médico(a), e um a cada seis por um(a) enfermeiro(a)” já que nessas escolas onde ocorrerão os estudos os alunos recebem total atendimento médico. Mostra também que o *bullying* é uma prática não vinda só de outros alunos, mas também dos próprios funcionários da escola, como professores, inspetores, etc (PALÁCIOS e REGO, 2006).

Todos os autores consultados que discorrem sobre este tema concordam que o *bullying* deve ser combatido, pois pode causar um mal imenso para as vítimas e até mesmo para os próprios *bullies*.

De acordo com o site brasileiro da ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência, LOPES NETO e cols., 2003) *bullying* compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder. Portanto, os atos repetidos entre iguais (estudantes) e o desequilíbrio de poder são as características essenciais, que tornam possível a intimidação da vítima.

Por não existir uma palavra na língua portuguesa capaz de expressar todas as situações de *Bullying* possíveis, a seguir na Quadro 1 há a relação de algumas ações que podem estar presentes:

Quadro1. Descrição das ações que podem estar presentes na prática do *Bullying*.

AÇÕES QUE PODEM ESTAR PRESENTES NA PRÁTICA DO <i>Bullying</i>		
Colocar apelidos	Fazer Sofrer	Agredir
Ofender	Discriminar	Bater
Zoar	Excluir	Chutar
Gozar	Isolar	Empurrar
Encarnar	Ignorar	Ferir
Sacanear	Intimidar	Roubar
Humilhar	Perseguir	Quebrar Pertences
Assediar	Amedrontar	Dominar
Aterrorizar	Tiranizar	

Fonte: Lopes Neto e cols., 2003.

Outro ponto também relevante, é quando o aluno, público-alvo da educação especial, incluído na escola comum, acaba sofrendo o processo contrario, tanto pelos colegas, quanto pelos professores e funcionários, passando a sofrer pela exclusão, onde já não é mais lembrado, sua presença não faz a menor diferença, os colegas o respeitam mas não buscam intimidade, a professora e funcionários orientam, mas não oferecem as atividades, nem lhe dão o suporte necessário para que haja progresso. (LOPES NETO e cols., 2003)

O assunto *bullying* não está explicitamente marcado na legislação brasileira. Entretanto, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, BRASIL, 1990) em seu artigo quinto, estabelece que “ Art. 5º Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais” (pp.12). O parágrafo III versa sobre a formação continuada e a capacitação dos profissionais de saúde. O Parágrafo IV estabelece que deve haver apoio e incentivo às práticas de resolução pacífica de conflitos que envolvam violência contra a criança e o adolescente.

Já o Código penal (BRASIL, 1940), operacionaliza as práticas e punições para calúnia, difamação, injúria, e ameaça.

Desta forma, somente a partir das pesquisas desenvolvidas com a temática de *bullying* torna-se possível ter uma compreensão sobre essa temática e a partir desses resultados chegar a conclusões que nos fazem refletir quanto as crianças e os jovens envolvidos com o *bullying* podem sofrer.

Assim, foi realizada uma busca sobre o tema *bullying* no Portal CAPES e foram encontradas 18 pesquisas com os descritores “*Bullying*” e “deficiência”. Sendo que

destas uma foi publicada em 2006, duas entre 2008 e 2009, duas em 2010, 8 entre 2011 e 2012 e 5 entre 2013 e 2014. Esses dados demonstram que o número de pesquisas na área é escasso, mas que no decorrer dos anos, tem aumentado. Destes estudos, 17 são artigos e um é uma tese de doutorado.

Sobre as temáticas abordadas, Caliman (2006) realizou um estudo com adolescentes em situação de risco; Calañas e cols (2008) trabalharam com familiares de crianças com sobre peso e estratégias terapêuticas; Siqueira (2008), Olivier e cols (2011) e Martiningo Filho e cols (2014) e Campos (2011) estudaram *bullying* entre população adulta, abuso de poder e síndrome de Burnet; Quevedo-Blasco e Lopez-Lopez (2010) realizaram um levantamento bibliométrico em periódicos da psicologia, e não encontraram estudos sobre a temática do *bullying*, embora tivesse sido essa uma das temáticas a ser pesquisada. Seffner (2011), Moretti e cols (2011) e Connell e Messerschmidt (2013) trabalharam a temática de sexualidade e juventude; Valadez e cols (2011) trabalharam com a temática de violência e ideação suicida entre jovens espanhóis; Malta e cols (2012) trabalharam com violência doméstica em crianças que eram atendidas em um pronto socorro; Jimenez e cols (2012) trabalharam na validação de uma escala que verifica a agressão entre pares com ênfase na agressão virtual entre escolares chilenos; Portugal e Isabel (2013) verificaram a comunicação entre pais e filhos com dificuldades comunicativas; um estudo entre irmãos desenvolvido em Portugal por Relva e cols (2014). Concluindo, dentre os 18 artigos encontrados no Portal CAPES, apenas três estão relacionados diretamente ao *bullying* e a população alvo da educação especial, os quais passaremos a relatar.

Lacasa e Ramirez (2010) realizaram um estudo com o objetivo de descrever a relação entre níveis de envolvimento do *bullying* em crianças do ensino fundamental levando em conta as variáveis pessoais e rejeição pessoal. Participaram do estudo 426 alunos matriculados na quarta, quinta e sexta série do ensino fundamental em três escolas públicas da Espanha. Foi utilizado o Bulls-Test para analisar o nível de envolvimento em *bullying*, além de um estudo da dimensão sociométrica. Os resultados demonstraram que o *bullying* está acontecendo em idades mais jovens, particularmente no ensino fundamental. Também revela a existência relação entre algumas variáveis de ordem pessoal: idade, gênero, necessidades educacionais especiais, imigração, repetência. Foi encontrado *bullying* em crianças com perfis variados, em crianças com necessidades educacionais especiais como vítimas e em crianças repetentes e imigrantes como aqueles que praticam ou sofrem *bullying*. O estudo conclui que as variáveis

peçoais: idade, gênero, necessidades educacionais especiais, emigração e repetência em interação com a rejeição pessoal, emergem como fatores de risco para envolvimento em *bullying*.

O segundo estudo foi realizado por Oliveira e Barbosa (2012) e trabalhou com a temática *Bullying* entre estudantes com ou sem características de dotação e talento. O estudo foi desenvolvido por meio de questionário, que foi aplicado a 339 crianças do ensino fundamental onde apenas 59 apresentavam dotação e talento. Os resultados revelam que essas crianças não diferem, necessariamente, de outras crianças.

O terceiro estudo, desenvolvido por Levandoskie e Cardoso (2013) teve como objetivo verificar o envolvimento de *bullying* entre escolares e compará-lo à imagem corporal e status social no ambiente escolar. Um questionário foi aplicado em uma escola de ensino fundamental de Florianópolis. Os resultados apontam que não houve uma diferença considerável entre os envolvidos ligados diretamente a sua aparência, em um modelo de perfeição de beleza, mas revelou que tanto os agressores quanto as vítimas gostariam de ter um porte físico maior. Em média os agressores estão mais satisfeitos com sua imagem corporal e apresentam maior popularidade na escola em relação às vítimas. Os resultados concluem que os aspectos físicos (força e tamanho) e posição social exercem diretamente influência entre as vítimas e os agressores.

Além da consulta ao Portal CAPES, também foi realizada uma pesquisa em periódicos da educação e psicologia sobre a temática do *bullying* e outras questões sobre violência entre pares nas escolas. Foram encontradas duas pesquisas, que passaremos a relatar.

Dresch e Trevisol (2011) relatam que os comportamento de *bullying* considerados inadequados, estão ligados diretamente ao tempo e à intensidade que essas crianças sofreram as consequências do *bullying* e por isso esses comportamentos podem vir a aparecer a longo prazo, pois esse indivíduo pode ter ficado reprimido por anos, e há uma certa hora de sua vida, pode ser despertado tais comportamentos agressivos. Outro aspecto relevante consiste em crianças que muitas vezes adquirem esses maus-comportamentos em sua casa, quando a própria família dá exemplos como falta de respeito, ofensas e até agressões. Esses comportamentos aprendidos em casa se refletem na escola de maneira negativa, prejudicando o aluno dentro da escola. Toda criança necessita do afeto e carinho, primeiramente dos pais e da família, e assim, quando essa criança passa a se sentir só e “rejeitada” dentro de casa, na escola pode passar a desenvolver comportamentos inadequados ou agressivos, muitas vezes para

chamar atenção dos professores e funcionários da escola, causando brigas e tumultos. Dessa forma, sempre alguém estará “de olho nele” suprindo assim, essa carência familiar de alguma forma negativa, mas para esse aluno o que importa é ter atenção de alguém. Os dados desse estudo também foram confirmados por Silva (2011).

Para esses autores, faz-se necessário que os pais encontrem tempo para uma convivência saudável, de forma que pais e filhos realizem juntos atividades sociais, culturais de lazer e diversão, e principalmente na educação e formação dessa criança, com muito diálogo entre as duas partes e também muita compreensão. Concluindo, os resultados são bastante claros e visíveis, demonstrando a compreensão dos professores sobre esse assunto e que, uma das maiores influências para as crianças desenvolverem esse perfil agressivo, parte da própria família, que peca em transmitir à criança valores e deveres. Também a falta de carinho e atenção necessária em casa, acaba causando problemas na escola, sobrecarregando assim o professor, que ao invés de ensinar, acaba perdendo tempo com esses casos, prejudicando o restante da sala e o andamento dos conteúdos a serem ensinados.

A segunda pesquisa, foi desenvolvida pela ABRAPIA (LOPES NETO e cols., 2003) e teve o apoio financeiro da Petrobras sendo realizada em parceria com o IBGE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística) e a Secretaria de Educação do Município do Rio de Janeiro, no período de novembro e dezembro de 2002 e março de 2003, por meio de questionários distribuídos a alunos de 5ª a 8ª série, de 11 escolas, sendo 9 públicas e 2 particulares. Alguns resultados dessa pesquisa estão divulgados abaixo. A idade média dos participantes era de 13,47 anos, sendo 50,5% masculinos e 49,5% feminino. Entre esses dados, um muito importante revelou que 40,5% dos participantes admitem ter algum tipo de envolvimento direto na prática do *bullying* no ano de 2002, seja como alvo ou como autor. No início da descrição dos resultados a pesquisa demonstra os diferentes tipos de participantes, diretamente ou indiretamente. Neste aspecto é visível o alto número de testemunhas, isso indica que o número de envolvidos é bastante alto, mas essas testemunhas raramente se manifestam e com isso, cada vez mais os agressores ficam impunes e os agredidos desamparados. Em outras análises dos resultados, os autores apontam que apelidar é a ação mais usada na prática do *bullying*, são os apelidos os primeiros sinais. Muitas vezes essas ações ficam só nos apelidos, mas quando o perfil desses alunos é mais agressivo, podem partir para agressão física, que é a segunda prática mais ocorrida. Nos meninos a agressão é mais comum. Segundo Valle (2011), “*eles buscam ações de caráter mais físico, sexual, mais*

aberto, mais direto” (Pág, 12). Ainda sobre os meninos, Silva (2011, pp. 7) afirma que os estudos revelam que “*há um pequeno predomínio dos meninos sobre as meninas. No entanto, por serem mais agressivos e utilizarem a força física, as atitudes dos meninos são mais visíveis*”. Já nas meninas, a segunda prática mais usada, é a difamação do seu alvo, pois além dos apelidos, elas partem para ofensas físicas, como no caso de alguma imperfeição do colega, de obesidade, ou qualquer outra aparência diferenciada. Esses dados também são confirmados por Valle (2011) e Silva (2011) quando relatam que as meninas são mais dissimuladas e costumam praticar bullying na forma de intrigas, “fofocas” difamando e isolando as colegas. Excluir o alvo é uma situação pouco ocorrida, pois, ser deixado de lado, muitas vezes é tudo o que o oprimido deseja, já que na maioria dos casos os agressores perseguem constantemente suas vítimas. Seguindo com as análises também fica bastante claro que a sala de aula é o ambiente onde mais ocorre práticas de *bullying*, pois é onde passam a maior parte do tempo, com os colegas de classe e por terem mais intimidade, dividirem o mesmo espaço diariamente, fica mais fácil caçar ou perseguir seu alvo. Já o intervalo é outro espaço onde ocorre as mesmas ações. Nessa outra representação, podemos analisar as reações dos alunos alvos de *bullying*, com a grande maioria, quase metade dos entrevistados dizendo que não deu atenção, apenas ignorou o insulto, mas a outra maioria disse que se defendeu ou revidou o insulto até mesmo com agressão. Outro número alto de respostas foi o relato que pediram para o agressor parar de uma forma amigável, simplesmente com a conversa. Outros responderam que pediram ajuda, que choraram (LOPES NETO e cols., 2003).

Também foram levantados os sentimentos demonstrados pelas testemunhas diante de ações de *bullying*, e foi constatado que o número das testemunhas que se sente mal com esses atos foi o mais elevado. Com isso fica claro que as testemunhas tem um sentimento de pena do colega ofendido e na maioria das vezes não se manifestam. Assim, esses atos se repetem constantemente. Outro ponto relevante parte do medo que o agressor passe a ofender e agredir essa testemunha e assim esse aluno fica calado pois tem medo de sofrer alguma represália. Para finalizar, também foram analisados os sentimentos dos alunos autores de *bullying*. A maioria dos entrevistados respondeu que acharam engraçada a “brincadeira” e que fazem isso só por diversão. Outra grande parte, disse que cometia o *bullying*, pois temia que fizessem o mesmo consigo. Outro número relevante apontado, foi que os alunos agressores achavam que os agredidos mereciam o castigo. Da mesma maneira muitos outros responderam que no fundo, sentiam pena do colega ofendido e mesmo realizando as ofensas e agressões, eles

ficavam com dó do aluno alvo. Todas essas informações contradizem muito o perfil dos alunos agressores, que são muitas vezes confundidos ou diagnosticados por determinadas ações. Esse tema requer ainda pesquisa, pois esses alunos agressores passam a ser vilões da história, sem antes ter sido analisado seus antecedentes, como se comportam, como são tratados dentro de casa, como é a relação com os pais e demais membros da família, se esses alunos passam por problemas pessoais. Os autores concluem que se todas essas possibilidades fossem consideradas e conversadas com esses alunos, poderia haver menos motivos para ofensas e agressões e dessa forma, a escola poderia também estar colaborando, e muito, na formação pessoal desses alunos.

Esses estudos comprovam que crianças envolvidas com a prática de *bullying*, seja na qualidade de agressores ou de agredidos e até de testemunhas, tendem a adquirir comportamentos inapropriados com consequências físicas e emocionais, sendo que algumas delas apresentam dificuldades em estabelecer relações de amizade, queda no rendimento escolar ou mais tarde no trabalho, exclusão em lugares públicos, dentre outros comportamentos negativos.

3 JUSTIFICATIVA

Em termos gerais a literatura aponta a escassez de produção científica com a temática do *bullying*. Por meio de cartilhas de projetos contra violência nas escolas e textos de pesquisadores foi possível definir o que tem se entendido por *bullying* e público envolvido, agressor, vítimas e testemunhas.

A legislação brasileira ainda não trás, explicitamente, a prática do *bullying*. Foram encontrados artigos que falam sobre violência e proteção à criança e ao jovem e no Código penal algumas operacionalizações são evidenciadas. Mas, foi somente com as pesquisas na área, que podemos verificar que tem aumentado a cada ano, que pode-se ter maior compreensão da temática estudada.

Tendo como base a pesquisa realizada pela ABRAPIA com universo de alunos do Rio de Janeiro, procurou-se investigar a temática do *bullying* em uma cidade de médio porte do interior do estado de São Paulo, para verificar se a realidade encontrada vem a corroborar com a descrita no estudo de Lopes Neto e cols. (2003). Como ainda é uma área que exige maior investigação, vendo que ainda não se tem clareza de todos os âmbitos que o *bullying* pode atingir, faz-se necessária a realização de pesquisas exploratórias, para que posteriormente seja possível a realização de pesquisas envolvendo elaboração, implementação e avaliação de programas adaptados à realidade brasileira que lidem diretamente com práticas para diminuir a incidência de *bullying* nas escolas.

O público-alvo da educação especial não aparece como sendo alvo das pesquisas sobre *bullying* e verificando o quanto esta população tem tido dificuldades com sua escolarização e inserção na escola e também na sociedade por questões de estigma e atitudes culturais de exclusão, verifica-se que seria importante desenvolver estudos exploratórios juntando a temática do *bullying* e alunos com deficiência.

4 OBJETIVO GERAL

Esta pesquisa tem como objetivo geral investigar a ocorrência e descrição de práticas de *bullying* com o público-alvo da educação especial no contexto escolar.

5 MÉTODO

5.1 PARTICIPANTES

Os participantes da pesquisa foram 8 alunos, 2 professores e 2 funcionários de uma escola particular da cidade de São Carlos. Esse numero de alunos é o numero total de alunos dessa sala.

Os critérios de inclusão dos participantes foram os seguintes:

- Alunos: devem estar cursando o ensino fundamental, a partir do segundo ano e terem idade entre 8 e 12 anos sendo ou não público-alvo da educação especial. Os resultados da pesquisa respondida pela aluna público-alvo serão analisados separadamente, mais os dados estarão presentes junto aos demais alunos.
- Professores: que estejam atuando junto aos alunos pesquisados, ministrando aulas no ensino fundamental e que tenham alunos público-alvo da educação especial em sua sala de aula.
- Funcionários: que tenham contato com os alunos pesquisados, seja monitorando refeitório, pátio, corredores e banheiros.

A partir dos critérios foram selecionados os participantes, a seguir será apresentada as descrições dos professores, funcionários e alunos:

Descrição dos professores: Duas professoras, sendo a primeira com 33anos de idade por ocasião do estudo, professora da turma do 5º ano e formada em pedagogia. A segunda participante, estava com 29 anos de idade por ocasião do estudo, era professora do 1º ano e infantil II e formada em pedagogia.

Descrição do funcionário: Participou também uma funcionária com 20 anos de idade por ocasião do estudo, exercendo a função de estagiaria de marketing e supervisora de alunos, cursando ensino superior.

Descrição dos alunos: Participaram do estudo 8 alunos do quinto ano, com idades variando entre 9 e 10 anos, sendo 4 meninos e 4 meninas, sendo que uma das meninas tem deficiência física

5.2 LOCAL

A pesquisa foi realizada em uma escola particular que atende alunos do ensino fundamental, de uma cidade de médio porte do interior do estado de São Paulo. Essa escola, atende alunos público alvo da Educação Especial.

5.3 MATERIAIS E EQUIPAMENTOS

Para a realização desta pesquisa, foram utilizados materiais como, papel (folhas de sulfite) e caneta além de equipamentos, como: computador e impressora.

5.4 INSTRUMENTOS

Foram utilizados dois instrumentos, sendo um questionário aplicado aos alunos um questionário aplicado aos funcionários e professores da escola. Tais instrumentos foram baseados nos instrumentos de coleta de dados da pesquisa ABRAPIA (LOPES NETO e cols., 2003) e serão descritos detalhadamente a seguir:

- Questionário aplicado aos alunos (APENDICE A), traz seis questões que apontam se o aluno já passou por situações que se caracterizam como *bullying*, como isso ocorreu, onde aconteceu, qual a frequência de tais ações, como se sentem ao presenciar ou participar desses insultos contra seus colegas. O instrumento tem como objetivo investigar a ocorrência e descrever a existência ou não de práticas de *bullying* com o público-alvo da educação especial no contexto escolar por meio da percepção dos alunos
- Questionário aplicado aos funcionários e professores da escola (APENDICE B), conta com sete questões que abordam como esses professores/funcionários encaram o *bullying*, se realmente identificam quando acontece algo relacionado e quais são seus métodos e estratégias para lidar com o assunto. O instrumento tem como objetivo investigar a ocorrência e realizar a descrição de práticas de *bullying* com o público-alvo da educação especial no contexto escolar por meio da percepção dos professores e funcionários.

5.5 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

O projeto da pesquisa foi submetido e recebeu aprovação do Comitê de Ética para pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos para que possa ser realizada a pesquisa seguindo a resolução 466/2012.

5.6 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Primeiramente, o projeto foi enviado à secretaria de educação de uma cidade do interior do estado de São Paulo para aprovação e autorização da pesquisa. Entretanto a Secretaria não autorizou a realização da pesquisa, alegando ser esse um tema muito polêmico e que precisaria de mais tempo para analisar a viabilidade de implementação do projeto. Dessa forma, o projeto foi apresentado a uma escola da rede particular de ensino, que aceitou participar e colaborar com a pesquisa. Assim, foram feitos convites a professores, funcionários e alunos para participar da pesquisa e os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE, APENDICE C) foram entregues.

Aceito o convite foi então marcada a data de aplicação dos questionários, primeiro com os alunos e em seguida com os professores e funcionários. Com os alunos, o questionário foi aplicado dentro da sala de aula, e com os professores e funcionários foi realizado em local de preferencia indicado pelo participante. SE algum aluno apresentasse dificuldade no preenchimento do questionário, seja ele público-alvo da educação especial ou não, o pesquisador poderia oferecer auxilio que consistia na leitura das perguntas e das alternativas.

5.7 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE DADOS

Os dados obtidos por meio dos questionários dos oito alunos foram analisados de forma qualitativa. Foram computadas as respostas obtidas em cada questão, pois os alunos podiam marcar mais de uma resposta por pergunta realizada. Desta forma o total de respostas em cada pergunta foi diferente. Para que os dados pudessem ser padronizados, foi calculada a porcentagem obtida em cada resposta de cada uma das questões realizadas, por meio do cálculo matemático de “regra de três”. As porcentagens obtidas foram lançadas em gráficos de colunas para melhor visualizar os resultados, sendo que no eixo da abscissa foram expostas as respostas dos participantes e no eixo da ordenada a porcentagem de resposta que pode variar de 0 a 100%.

Já os dados obtidos por meio dos três questionários aplicados aos professores e funcionário foram analisados de forma qualitativa, com a retirada das falas para exemplificar as práticas e concepções sobre a temática.

Com a aluna publico alvo, seu questionário foi avaliado separadamente, mais suas respostas foram computadas juntamente a dos demais alunos, e também explicada separadamente nos resultados dos questionários voltados aos alunos.

5.8 PLANEJAMENTO PARA DEVOLUTIVA DOS DADOS PARA AS INSTITUIÇÕES PARTICIPANTES

Como devolutiva, será entregue à escola participante, uma cópia do relatório da pesquisa, ao mesmo tempo que o pesquisador se oferecerá para organizar palestras de esclarecimento e prevenção de *bullying*.

Esse trabalho terá como objetivo, clarear o conceito de *Bullying*, principalmente no contexto educacional e refletir sobre o fenômeno, seus efeitos e suas consequências na vida dos alunos e jovens público-alvo da educação especial em atividades escolares pois quando esses alunos se sentem rejeitados, e consequentemente excluídos, essa inclusão, acaba virando uma exclusão.

Assim, serão organizadas palestras de esclarecimento e prevenção ao *bullying* a toda comunidade escolar de forma os alunos poderão entender melhor os danos e prejuízos causados nas vidas das pessoas que passam por essas humilhações, ofensas e agressões. Importante lembrar, que é nesta etapa de desenvolvimento dos alunos escolares que é formado o caráter e a personalidade.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir serão apresentados os resultados de acordo com a categoria “respondentes”, a saber: respostas dos alunos diante do tema *bullying* e; respostas dos professores e funcionários da escola diante do tema *bullying*.

6.1 SOBRE AS RESPOSTAS DOS ALUNOS DIANTE DO TEMA *BULLYING*

Oito alunos participaram do estudo e responderam a seis questões de um questionário sobre a temática de *bullying* nas escolas. Destes, um era público alvo da educação Especial.

As respostas à primeira questão abordada, na qual era solicitado que analisassem situações de *bullying* as quais passou na escola, podem ser visualizadas por meio da Figura 1:

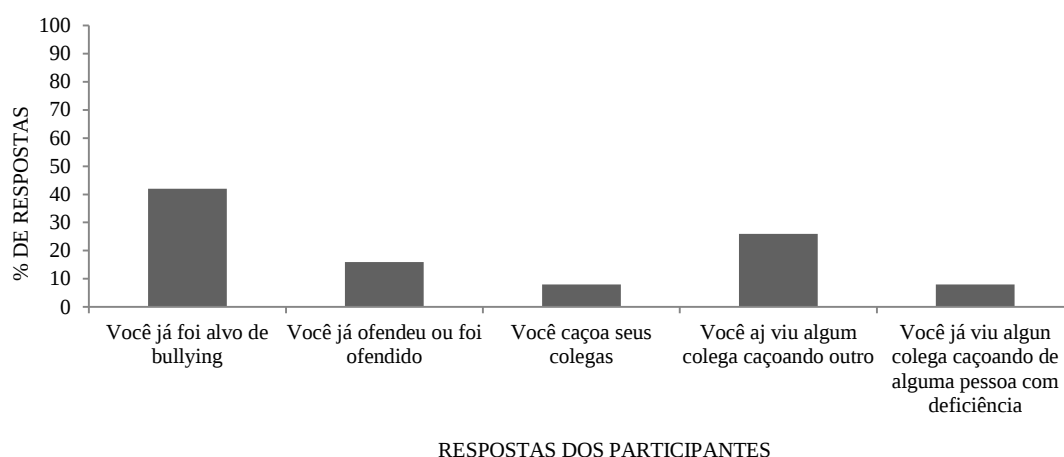


Figura 1. Porcentagem de respostas dos alunos quando questionados por quais situações já enfrentou na escola.

Na Figura 1 fica evidente que a grande maioria dos alunos já foi alvo de *bullying*, inclusive a aluna com deficiência, ou já presenciou alguma cena ou ato caracterizado como *bullying*. Esses números revelam que *bullying* está cada vez mais presente na vida dos estudantes brasileiros (Levandoskie Cardoso (2013); (LOPES NETO e cols., 2003; Leão, 2010; Fante, 2005).

Nos dias de hoje, as informações são muito mais acessíveis que há anos atrás e por isso a maioria dos alunos deste estudo conseguiu identificar e reconhecer quando

algum colega ou ele próprio está passando por alguns problemas de *bullying*, o que também ficou evidente nas respostas da aluna com deficiência.

Os dados também mostram que boa parte dos alunos, incluindo a aluna público alvo da Educação Especial, já ofenderam ou foram ofendidos, revelando o quanto são frequentes as agressões verbais dentro da escola (LOPES NETO e cols., 2003; DRESCH e TREVISOL, 2011).

Por fim, um número pequeno, porém muito importante, mostra que alguns desses alunos informantes já presenciaram atos de *bullying* contra algum aluno com deficiência.

Na segunda questão foi abordado qual o tipo de *bullying* mais frequente entre os alunos e os resultados obtidos podem ser visualizados na Figura 2.

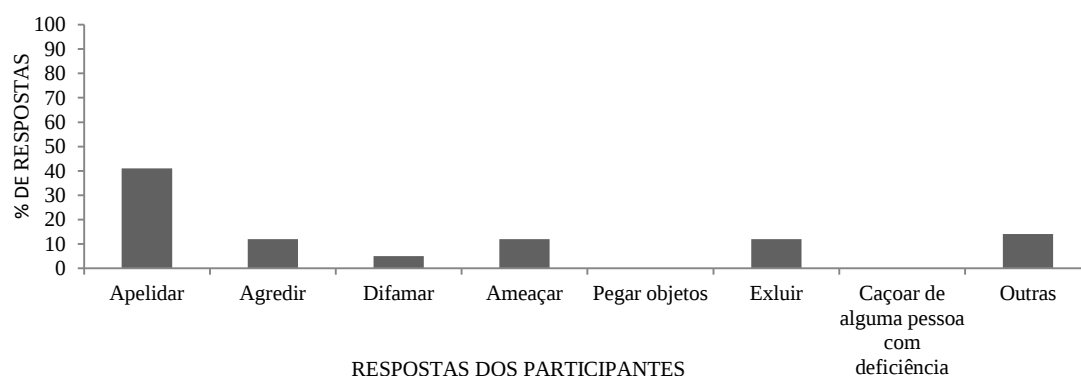


Figura 2. Porcentagem de respostas dos alunos quando questionados por quais situações de *bullying* já enfrentou na escola.

Podemos analisar nessa segunda Figura que o tipo mais comum de prática do *bullying* é apelidar os colegas. A resposta da aluna com deficiência foi a mesma dos demais alunos. Mesmo sendo comuns os apelidos na infância, alguns alunos apelidam outros de maneira agressiva, utilizam-se de alguma característica física, cor, tamanho, obesidade para apelidar outro colega, causando assim constrangimento na frente de outros. Esses dados, também foram encontrados em pesquisas realizadas por (LOPES NETO e cols., 2003e Valle, 2011)

Agredir e ameaçar, também apareceram na pesquisa. Esses atos mais agressivos representam como se fosse um nível secundário de *bullying*, pois as gozações não ficam apenas nos apelidos, ultrapassam esse limite, com ameaças e agressão que podem influenciar diretamente na vida da vítima, podendo futuramente desenvolver

quadros agressivos, mudanças comportamentais ou emocionais, conforme indicam Valle 2011 e Lopes Neto e cols., 2003.

A exclusão, também indicada pelos alunos também demonstra ser uma atitude cruel com a vítima, pois o agressor muitas vezes é um aluno influente na sala, tem certa popularidade entre eles, e quando o agressor exclui diretamente um dos alunos, possivelmente outros alunos seguirão seu exemplo e assim a vítima fica se sentindo cada vez mais só. Isso pode causar a elas sérios problemas de interação social ao longo da vida. Nesse sentido, Valle (2011) e Silva (2010) enfatizam que os meninos realizam ações de caráter de violência física ou sexual, sendo mais explícito.

Nesse mesmo gráfico (Figura 2) pode-se apontar que nenhum aluno revelou *bullying* contra outro aluno com deficiência. Mesmo existindo casos de *bullying* na escola, os dados revelaram que não há perseguição direta aos colegas com alguma deficiência. É possível que mesmo ainda sendo crianças elas possuam um senso ético, passado pela família e sociedade, que não é correto caçoar de alguém com deficiência, ou mesmo, no contexto religioso, que isso seria um pecado. Dos estudos encontrados no Brasil para esta pesquisa, nenhum faz menção à relação do *bullying* com alunos público alvo da educação especial, talvez por ser esse um tema ainda muito pouco estudado no Brasil, conforme indicam Palácios e Rego (2006). Entretanto o estudo de Lacasa e Ramirez (2010) realizado na Espanha, conclui que variáveis pessoais do tipo idade, gênero, necessidades educacionais especiais, emigração e repetência em interação com a rejeição pessoal, emergem como fatores de risco para envolvimento em *bullying*.

Na Figura 3 pode-se verificar as respostas dos alunos sobre a questão acerca dos locais da escola onde ocorrem práticas de *bullying* com maior frequência.

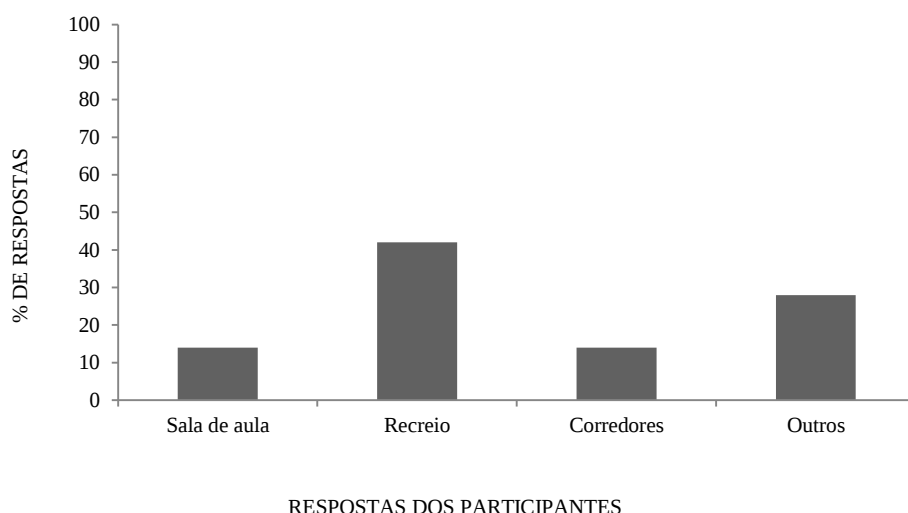


Figura 3. Porcentagem de respostas dos alunos quando questionados quais os locais que mais observaram cenas de *bullying*.

Na Figura 3 podemos observar que o lugar mais apontado pelos alunos para a prática *bullying*, foi no espaço do recreio, no pátio da escola, onde mais alunos de outras salas se misturam, uns lancham, outros brincam, outros jogam e nesse espaço é onde os agressores mais agem contra suas vítimas, muitas vezes por não ter um responsável próximo, aproveitam para ofender ou agredir outro colega. Depois do recreio, (na opção “outros lugares”) apareceu em segundo, locais como o parque ou a aula de educação física.

Nos corredores e na sala de aula esse número se mostra menor. Dentro da sala os alunos tendem a ter maior intimidade, pois passam boa parte do dia juntos por isso o respeito deve ser maior. Nos corredores, os alunos passam pouco tempo, usam apenas para transitar, assim o número de relatos de *bullying* também foi pequeno. Nesse sentido é importante observar que os dados encontrados por Lopes Neto e cols. (2011) indicam que a prática de *bullying* ocorre mais na sala de aula, por ser o ambiente onde passam maior parte do tempo, com os colegas de classe e por terem mais intimidade, por dividirem o mesmo espaço diariamente.

Porém a aluna público-alvo respondeu que na sala de aula e no refeitório são os locais mais comuns onde ocorrem práticas de *bullying* para com ela.

Já na Figura 4 são apresentadas as respostas dos alunos ao serem questionados quando ele próprio é alvo de *bullying*, como enfrentam ou reagem à situação.

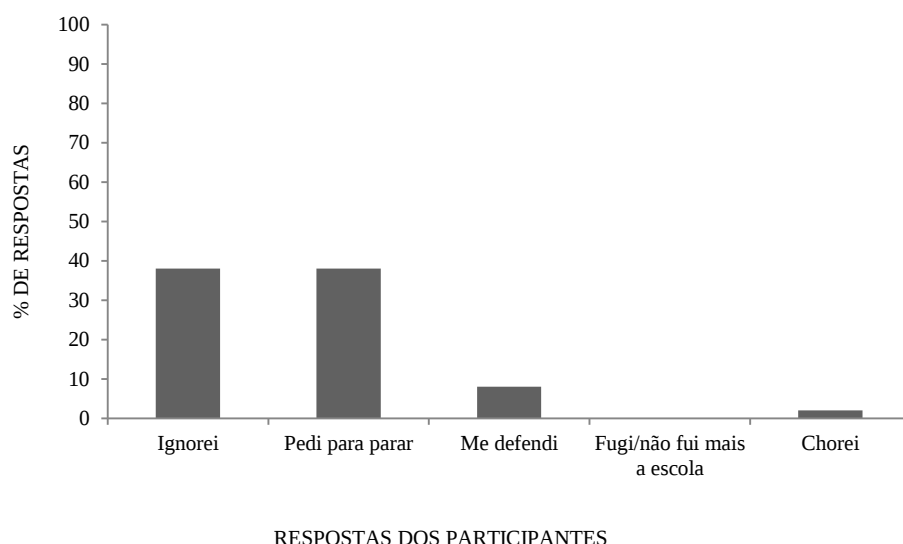


Figura 4. Porcentagem de respostas dos alunos quando questionados qual a reação do aluno quando é alvo de *bullying*.

Podemos analisar nesses dados (Figura 4), quando uma criança é alvo de *bullying* e como ela reage. A maior parte dos alunos participantes dizem que ignoraram ou pedem para parar com os insultos e alguns também revelaram que revidam aos xingamentos. Lopes Neto e Cols. (2011) afirmam que muitos alunos causam *bullying* para não serem alvo desse ato. Apenas a aluna público alvo, revelou chorar após ser alvo de gozações.

Um dado animador da pesquisa indicou que nenhum dos alunos pensou em fugir ou deixar de frequentar a escola, mesmo sendo alvo de *bullying*, ainda preferem enfrentar a situação do que fugir desse problema.

Em outra temática abordada (Figura 6) aparece como os alunos se sentem ao presenciarem uma cena de *bullying*, ou seja, um colega atacando outro.

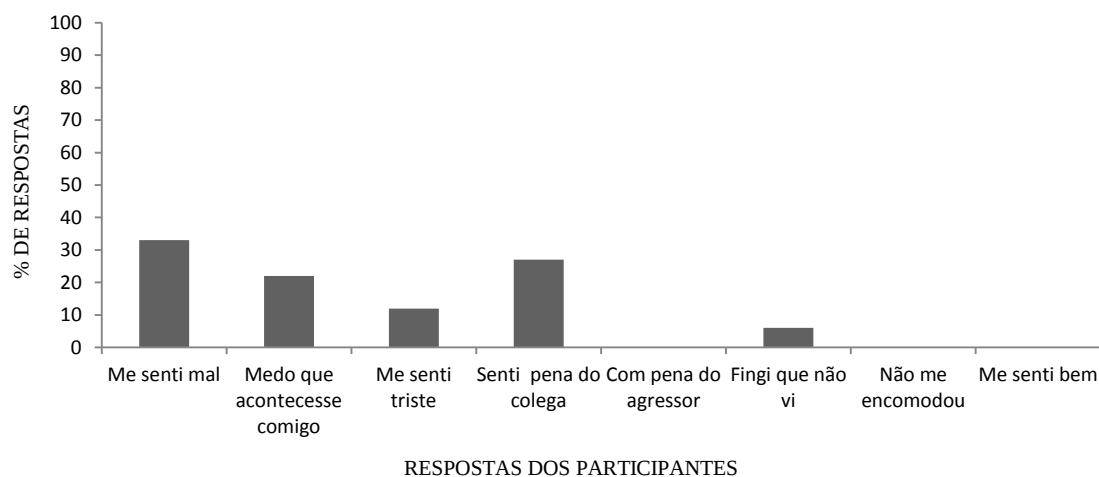


Figura 5. Porcentagem de respostas dos alunos quando questionados sobre como se sentem ao ver outro colega sendo alvo de *bullying*

Os dados revelam que grande parte dos alunos, se sensibilizaram quando presenciaram cenas relacionadas com *bullying*. A maior parte, incluindo as respostas da aluna com deficiência, se sentiu mau, triste ou com pena da vítima, mas continuam calados, isso porque outro dado importante revelou que, os mesmos que se calam diante dessas situações, são os mesmos que tem medo de virarem a vítima do mesmo agressor, isso por terem delatado seus maus comportamentos. Lopes Neto e Cols. (2011) também encontraram dados semelhantes em sua pesquisa quando afirmam que os alunos responderam que no fundo, sentiam pena do colega ofendido e mesmo realizando as ofensas e agressões, eles ficavam com dó do aluno alvo.

A Figura 6, mostra dados sobre quando o próprio aluno pratica o *bullying* contra outro colega, como eles se sentem.

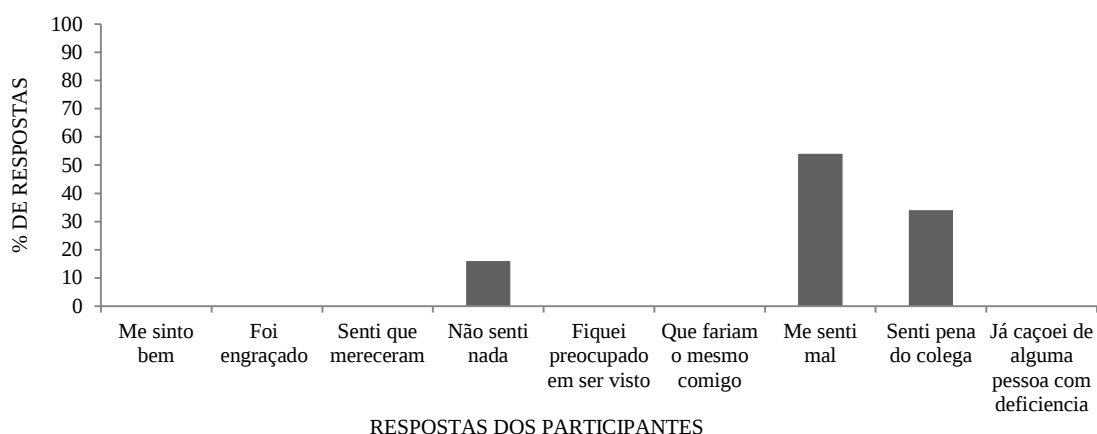


Figura 6. Porcentagem de respostas dos alunos quando questionados como se sentem ao praticar *bullying* com um colega.

A partir da temática de quando o próprio aluno pratica o *bullying* com outro colega, a maior parte dos respondentes disse se sentir mal após essas ações, junto com boa parte que sentiu pena do colega depois de ofende-lo ou agredi-lo, como pode ser visualizado na Figura 6.

Mesmo as crianças dizendo que se sentem mal e com pena das vítimas o número de envolvidos continua aumentando ano a ano. Como afirmado anteriormente, esses dados também foram encontrados na pesquisa de Lopes Neto e cols (2011). Entretanto esta pesquisa não contatou nada relacionado a achar engraçado a

“brincadeira” e que fazem isso só por diversão, além de acharem que os agredidos mereciam o castigo, conforme indica a pesquisa de Lopes Neto e cols. (2011).

Os dados restantes contam que uma parte desses alunos não sentem nada ao agredir ou ofender outro colega e esses números revelam que para algumas crianças essas ações continuam indiferentes pois para eles esses atos podem ser considerados normais, visto que muitas vezes podem viver em ambientes conturbados, onde xingamentos e agressões fazem parte do seu cotidiano. Dessa forma essas crianças ao agirem com agressividade e violência é como se fosse uma atitude normal, conforme indicam Dresh e Trevisol (2010).

A aluna público-alvo da educação especial também respondeu que não sentiu nada quando caçou de outro colega.

6.2 SOBRE AS RESPOSTAS DOS PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS DA ESCOLA DIANTE DO TEMA *BULLYING*

Com base nas análises das respostas dos questionários voltados aos professores e funcionários, podemos ter melhor visão de como os professores estão lidando com esse assunto com seus alunos. Também analisamos se os professores sabiam do que se trata o *bullying*, se identificavam essa prática na escola e quais as estratégias empregadas para resolver esses problemas.

Nos dados analisados constatamos que todos os envolvidos sabiam o que é *bullying*, e um dos participantes apontou que sabe identificar quando ele ocorre. Isso é muito bom, pois conforme aponta Silva (2010) a escola é corresponsável nos casos de *bullying*, pois é lá onde os comportamentos agressivos e transgressores se evidenciam ou se agravam na maioria das vezes. Logo, se os professores e funcionários não sabem o que é *bullying* e tampouco identificá-lo, fica muito difícil para a escola lidar com essa questão.

Em outra questão foi perguntado aos participantes quais atos eram considerados por eles como *bullying*. Apelidar, agredir e perseguir o colega foram as formas mais claras de identificar práticas de *bullying* apontados pelos participantes. Essa resposta indica o conhecimento deles sobre esses atos conforme indicam Valle (2011) e Silva (2010) e Lopes Neto e Cols. 2011.

Também foi abordado a questão das brigas dentro de sala, e quais alternativas viriam como melhor solução para esse caso. De forma unanime os participantes

responderam que a melhor alternativa era conversar com os alunos envolvidos, seguindo de encaminhar o a direção, e dependendo da gravidade faz brigas chamar os pais para conversar. Professores e funcionários também se posicionaram em caso de se depararem com alguma situação de violência dentro da sala. As duas professoras responderam que repreenderiam os alunos envolvidos e encaminhariam à direção, enquanto que a funcionária disse que apenas conversaria com os alunos e que ficaria atenta para que esse ato não mais se repetisse. Em relação a como lidar com essas situações com seus alunos, professoras e funcionária responderam que procurariam dialogar com esses alunos, explicando e esclarecendo os danos que essas “brincadeiras” poderiam causar nas vidas das vítimas e agressores em algum determinado momento de sua vida.

Esses dados, estão de acordo com Lopes Neto e Cols. (2010) quando ao concluírem seu estudo afirmaram que se todas essas possibilidades fossem consideradas e conversadas com esses alunos, poderia haver menos motivos para ofensas e agressões e dessa forma, a escola poderia também estar colaborando, e muito, na formação pessoal desses alunos

Quanto às questão de já ter presenciado algum ato de *bullying* contra a aluna com deficiência , todas responderam que não.

Quando perguntados se já haviam recebido alguma informação/orientação sobre esse assunto e como lidar com os alunos envolvidos, apenas uma respondeu que já havia recebido orientações em uma palestra, as outras duas apenas já viram algo sobre o assunto na TV ou internet. Embora professoras e funcionários tivessem demonstrado algum conhecimento sobre o assunto, mais ações precisam ser desenvolvidas não só no âmbito da Escola como também no âmbito da família conforme indicam Dresch e Trevisol (2011). Segundo Leão (2010) na Noruega esse assunto só ganhou a devida atenção quando um jornal norueguês publicou uma reportagem onde três jovens, entre 10 e 13 anos, teriam se suicidados após passarem por graves problemas envolvidos diretamente com o *bullying*. Como consequência, o país criou o primeiro programa nacional de combate à violência escolar.

Em relação a importância desse assunto, todas responderam que achavam importante e que as pesquisas são necessárias para que a realidade no cenário educacional seja mostrada. .

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo geral investigar, por meio de questionários aplicados em professores, funcionários e alunos do ensino fundamental, a ocorrência e descrição de práticas de *bullying* com o público-alvo da educação especial no contexto escolar.

Em linhas gerais podemos afirmar que o estudo realizado nos trouxe importantes achados sobre a temática do *bullying*, números que revelam o quanto nossos jovens estão envolvidos com a violência escolar.

Ficou bastante claro que a grande maioria dos alunos participantes sabe o que é *bullying*, já foram vítimas ou agressores, ou presenciaram alguma cena ou ato dentro da escola que se caracterizasse como *bullying*.

Quanto aos professores também ficou claro que sabem o que é *bullying*, ou sabe identificar quando ele ocorre, e quais estratégias poderiam ser usadas para melhor abordar esses comportamentos.

Outro ponto bastante claro e preocupante, foi a falta de formação e informação que os professores expressaram. Segundo eles tiveram apenas uma breve noção do que se trata o assunto, mas ainda está muito longe do ideal.

Por ser um assunto ainda pouco estudado, com poucas pesquisas e referências nacionais, a dificuldade do desenvolvimento do trabalho se apresentou em diversos momentos. Nesse sentido o estudo apresenta limitações por ter uma amostra reduzida e, portanto sugere-se que mais pesquisas sejam conduzidas.

Dessa forma deveria ser desenvolvidos programas de prevenção de *bullying* desde a pré-escola, assim as crianças sempre estariam a par das diferenças entre as pessoas, inclusive das próprias diferenças.

Como estratégias educacionais, também deveria ser disponibilizado para os professores cursos, palestras, seminários, congressos entre outras especializações para que possam sempre melhorar seus conhecimentos a respeito do tema, estando em contínua capacitação e evolução de acordo com as necessidades dos nossos jovens. Dessa forma, os altos números de violência escolar poderiam diminuir ou até ser erradicado.

REFERENCIAS

CALANAS, C. A.; ARRIZABALAGA, J. J.; CAIXÀS, A.; CUATRECASAS, G.; DÍAZ-FERNÁNDEZ, J. M.; GARCÍA-LUNA, P. P.; GODAY, A.; MASMIQUEL, L.; MONEREO, S.; MORALES, J. M.; MOREIRO, J.; MORENO, B.; RICART, W.; VIDAL, J.; CORDIDO, F. Estrategia terapéutica de exceso de peso en el adolescente y en su familia. **Endocrinología y Nutrición**, 2008, Vol.55, pp.60-77.

CALIMAN, G. Estudantes em situação de risco e prevenção. **Ensaio**, 2006, Vol.14(52), p.383.

CAMPOS, C. B. **A efetividade jurídica das normas de inclusão das pessoas com fissura labiopalatina no mercado de trabalho**. 2011. Tese (Doutorado em Fissuras Orofaciais) - Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais, Universidade de São Paulo, Bauru, 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/61/61132/tde-28112011-134753/>>. Acesso em: 2014-11-13.

CARVALHO, R. I.; MONTEIRO, F. O.; ALARCAO, M.; QUELHAS, M. A. Estudo exploratório sobre a violência entre irmãos em Portugal. **Psicologia: Reflexão & Crítica**, April-June, 2014, Vol.27(2), p.398(11).

CONNELL, Robert W. ; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Jan-April, 2013, Vol.21(1), p.241(42).

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>. Acesso em: 21 nov. 2014.

BRASIL. **Código Penal**. 1940. Disponível em: <http://www.oas.org/juridico/mla/pt/bra/pt_bra-int-text-cp.pdf> Acesso em 20 nov. 2014.

DRESCH, D.; TREVISOL, M. T. C. **Compreensão de educadores sobre o bullying: cenários do cotidiano em foco**. 2011. <<http://www.fe.unicamp.br/coppem/wp-content/uploads/2011/08/25-Daniela-Dresch.pdf>> Acesso em: 10 ago. 2014.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2. ed. Campinas: Verus, 2005.

FIGUEIREDO-FERRAZ, H.; GIL-MONTE, P. R.; QUEIROS, C.; PASSOS, F. Validacao fatorial do "Spanish BurnoutInventory" em policiais portugueses. **Psicologia: Reflexao & Critica**, April-June, 2014, Vol.27(2), p.291(9).

JIMENEZ, A. E.; CASTILLO, V. D.; CISTERNAS, L. C. Validacion de la escala de agresion entre pares, y subescala de agresion virtual en escolares chilenos. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Nñez y Juventud**, July, 2012, Vol.10(2), p.825(16).

LACASA, C. S.; RAMIREZ, F. C.. Personal and social characteristics of schoolchildren involved in *bullying* in primary education. **Electronic Journal of Research in Educational Psychology**, Sept, 2010, Vol.8(3), p.1015(18)

LEÃO, L.G. R. O fenômeno *bullying* no ambiente escolar. **Revista FACEVV**. Vila Velha. Número 4. Jan./Jun. 2010. Pp119-135.

LEVANDOSKI, G.; ARDOSO, F. L. Imagem corporal e status social de estudantes brasileiros envolvidos em *bullying*. **Revista Latinoamericana de Psicologia**, Wntr, 2013, Vol.45(1), p.135(11)

LOPES NETO, A. A.; MONTEIRO FILHO, .; SAAVEDRA, L. H. Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes. Disponível em: <<http://www.observatoriodainfancia.com.br/IMG/pdf/doc-154.pdf>>. Acesso em: 6 jun. 2014. ABRAPIA, 2003.

MALTA, D. C.; MASCARENHAS, M. D. M.; BERNAL, R. T. I.; VIEGAS, A. P.B.; DE SA, N. N. B.; DA SILVA, J. B. Jr. Acidentes e violencia na infancia: evidencias do inquerito sobre atendimentos de emergencia por causas externas--Brasil, 2009. **Ciência & Saúde Coletiva**, Sept, 2012, Vol.17(9), p.2247(12).

MARTININGO FILHO, A.; SIQUEIRA, M. V. S. Assedio moral e gestao de pessoas: uma analise do assedio moral nas organizacoes e o papel da area de gestao de pessoas. **Revista de Administracao Mackenzie**, Sept-Oct, 2008, Vol.9(5), p.11(24).

MORETTI, S. L. Do A.; HERNANDEZ, J. M. Da C.; MURITIBA, P. M.; MURITIBA, S. Cor ou escolaridade de personagens de propaganda? Preferencias entre universitarios. **RAE**, Sept-Oct, 2011, Vol.51(5), p.498(13)

OLIVEIRA F. F; VOTRE S. J. *Bullying nas aulas de educação física*. Movimento 2006;12(2):173-97.

OLIVEIRA, J. C.; GONCALVES, B. A. J. *Bullying* entre estudantes com e sem características de dotação e talento. **Psicologia: Reflexão & Crítica**, Oct-Dec, 2012, Vol.25(4), p.747(9)

OLIVIER, M.; STORCH P. C.; DA COSTA F. B. S. Trabalhadores afastados por transtornos mentais e de comportamento: o retorno ao ambiente de trabalho e suas consequências na vida laboral e pessoal de alguns bancários. **Revista de Administração Contemporânea - RAC**, Nov-Dec, 2011, Vol.15(6), p.993(23)

PALÁCIOS, M.; REGO, S. *Bullying*: mais uma epidemia invisível. **Revista Brasileira de educação médica**. Rio de Janeiro. V. 30. N. 1 jan. abr. 2006.

PORTUGAL, A.; ISABEL, A. M. A comunicação parento-filial: estudo das dimensões comunicacionais realçadas por progenitores e por filhos. **Psicologia: Reflexão & Crítica**, July-Sept, 2013, Vol.26(3), p.479(9)

QUEVEDO - BLASCO, Raul ; LOPEZ - LOPEZ, Wilson. Analisis bibliométrico de las revistas multidisciplinares de psicología recientemente incorporadas en la Web of Science (2008-2009). **Psicologia: Reflexão & Crítica**, April-July, 2010, Vol.23(2), p.384(25).

SEFFNER, F. Um bocado de sexo, pouco giz, quase nada de apagador e muitas provas: cenas escolares envolvendo questões de gênero e sexualidade. **Revista Estudos Feministas**, May-August, 2011, Vol.19(2), p.561(12).

SILVA, A. B. B. *Bullying – Cartilha 2010 – Projeto Justiça na Escola* (1ª Edição), Brasil: Conselho Nacional de Justiça.

VALADEZ, I.; AMEZCUA, R.; GONZALEZ, N.; MONTES, R.; VARGAS, V. Maltrato entre iguales e intento suicida en sujetos adolescentes escolarizados. **Revista Latino americana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, July, 2011, Vol.9(2), p.783(14)

VALLE, N. C. *Bullying, Cyberbullying e Dependências*. Rio de Janeiro: Novo Ser, 2011.

APÊNDICE A
QUESTIONÁRIO DIRIGIDO AOS ALUNOS

Questionário sobre *bullying*: responda as perguntas a seguir de acordo com o que você já fez, viu ou ouviu sobre *bullying*

Idade: _____ Ano escolar: _____ Gênero: () F () M

Participantes do *bullying*

1. Assinale abaixo quais situações você já passou:

- () Foi alvo da zueira.
- () zueou e foi zueado pelos colegas.
- () se você zueou muito os colegas.
- () se você já viu uns colegas zueando outro.
- () se você já viu um colega zueando um deficiente.

2. Qual tipo de “zueira” mais acontece?

- () Apelidar
- () Agredir
- () Difamar
- () Ameaçar
- () Pegar/quebrar pertences
- () excluir
- () Caçoar algum deficiente
- () Outros. Quais? _____

3. Que lugar da escola é mais comum essas ‘zueiras’?

- () Sala de aula
- () Recreio
- () Recreio
- () Corredores
- () Outros. Quais? _____

4. Quando algum colega 'zoua' você. Oque você faz?

() Não dei atenção/ ignorei

() Pedi para parar

() Me defendi

() Fugi/não fui mais para escola

() Chorei

() Outros. Quais? _____

5. Quando você vê alguns colegas zuandoum outro, oque você sente?

() Me senti mal

() Medo que acontecesse comigo

() Me senti triste

() Fiquei com pena

() Fiquei com pena do agressor

() Fingi que não vi

() Não me incomodou

() Me senti bem

() Outros. Quais? _____

6. E quando você que zoua um colega, como se sente?

() Eu me sinto bem

() Foi engraçado

() Senti que mereceram

() Não senti nada

() Preocupado em ser visto

() Que fariam o mesmo comigo

() Me senti mal

() Senti pena do colega

() Já cometi *bullying* com algum colega deficiente

APÊNDICE B**QUESTIONÁRIO DIRIGIDO AOS PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS**

INSTRUÇÃO: assinale com um x uma ou mais opções de resposta de acordo com seus conhecimentos

1- Você já ouviu falar de bullying?

- () Já ouvi falar.
- () Sim, sei o que é.
- () Não, nunca ouvi falar.
- () Não sei identificar.
- () Sim, sei identificar.

2- Marque com um (x) as alternativas que você identifica como *bullying*

- () brincar com o colega
- () Apelidar o colega
- () Agredir o colega
- () conversar com o colega
- () quebrar pertencer dos colegas
- () Perseguir o colega
- () ajudar o colega

3- Quando ocorre uma briga em sua sala. Marque quais alternativas você veria como uma boa solução.

- () Castigaria os alunos envolvidos
- () separaria a briga e continuaria com a aula
- () Levaria o caso a direção
- () Conversaria com os alunos
- () Chamaria os pais na escola

2- Quando se deparou com uma situação dessas, como você agiu? Não fiz nada

☐ Repreendi o(s) aluno(s) que estava praticando *bullying* , e ficou por isso.

☐ Repreendi o(s) aluno(s) e levei o caso a diante, a direção da escola.

☐ É normal isso acontecer, apenas acalmo os alunos.

☐ Converso com os alunos envolvidos, e fico atento para que não se repita.

3- Você já presenciou alguma pratica de *bullying* contra um aluno deficiente.

☐ Sim, já presenciei.

☐ Não, nunca presenciei.

☐ Já vi, e vejo com frequência.

☐ Já vi, mais não com frequência

4- Com qual frequência você percebe algumas atitudes ligadas ao *bullying*.

☐ Todos os dias.

☐ Duas vezes por semana.

☐ Uma vez por semana.

☐ Uma vez por mês.

5- Você já recebeu algum tipo de orientação (informação) sobre o assunto de como lidar com esses alunos envolvidos?

☐ Sim, já recebi alguma orientação. Por exemplo palestra, curso ou conferencia

☐ Não, nunca recebi orientação.

☐ Já vi algo com relação na televisão.

☐ Já vi algo com relação na internet.

☐ Você já conversou com outro professores sobre esse assunto.

6- Qual estratégia você usaria para lidar com uma situação de *bullying* com os seus alunos.

☐ Conversaria sobre o assunto com eles

- () Castigaria os alunos causadores de *bullying*
- () Chamaria os pais para expor a eles a situação dos filhos
- () Encaminharia o caso a direção
- () Ignoraria o caso, pois não é minha obrigação separar brigas

7- Você acha importante a abordagem do assunto?

- () Sim, deveria ser desenvolvido um trabalho de conscientização.
- () Não, tem assuntos mais importantes a serem tratados
- () Sim, pois os resultados obtidos na pesquisa apontam a realidade.
- () Não, esse assunto deve ser resolvido fora da escola.
- () Sim, pois a partir dos resultados podemos estudar uma melhor abordagem do assunto.

APENDICE C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA INSTITUIÇÃO E PARTICIPANTES

CARTA DE CONSIENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Venho por meio desta carta, pedir a permissão de _____ diretora da escola “colégio Anjo da guarda” para ser aplicada uma pesquisa de trabalho de conclusão de curso do aluno da Universidade Federal de São Carlos Lucas Malachia da Silva, participando da pesquisa voltada ao “bullying nas escolas” onde os alunos responderão um questionário com 6 questões de múltipla escolha e duração de 15 minutos num espaço de tempo que não interfira o trabalho do professor.

Com base nos resultados da pesquisa, serão analisados os resultados que complementaram o trabalho do aluno pesquisador.

Eu _____ portador do RG: _____, autorizo meus alunos a participar da pesquisa de “bullying nas escolas” .

Declaro estar ciente de que a participação dos alunos na pesquisa é voluntária, podendo ser solicitado o desligamento a qualquer momento e que a identidade do aluno será preservada. Alego que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação na pesquisa. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisa em seres humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós Graduação e Pesquisas da Universidade Federal de São Carlos, localizada na rodovia Washington Luiz, Km. 235 – Caixa Postal 676 – CEP – 13.565-905 – São Carlos – SP- Brasil- Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@power.ufscar.br

CARTA DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Venho por meio desta carta, pedir convida-lo a participar da pesquisa de trabalho de conclusão de curso do aluno da Universidade Federal de São Carlos Lucas Malachia da Silva, participando da pesquisa voltada ao “bullying nas escolas”. Será solicitado que você responda um questionário com 7 questões de múltipla escolha e duração de 15 minutos num espaço de tempo que não interfira o trabalho do professor.

Com base nos resultados da pesquisa, serão analisados os resultados que complementaram o trabalho do aluno pesquisador.

Eu _____ portador do RG: _____, aceito participar da pesquisa de “bullying nas escolas”. Declaro estar ciente de que a participação dos alunos na pesquisa é voluntária, podendo ser solicitado o desligamento a qualquer momento e que a identidade do aluno será preservada. Alego que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação na pesquisa. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisa em seres humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós Graduação e Pesquisas da Universidade Federal de São Carlos, localizada na rodovia Washington Luiz, Km. 235 – Caixa Postal 676 – CEP – 13.565-905 – São Carlos – SP- Brasil- Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@power.ufscar.br

TERMO DE ASSINTIMENTO

Você esta sendo convidado a participar da pesquisa “bullying nas escolas” seus pais ou responsáveis permitiram que vocês participassem.

Nessa pesquisa vocês receberão um questionário com seis questões de múltipla escolha, vocês podem marcar um X em uma ou mais alternativas, assim podem explicar melhor suas respostas.

Eu _____ aceito participar da pesquisa “ Bullying nas escolas” entendi o objetivo do trabalho, e estou ciente sobre o questionário. Também entendi que a qualquer momento posso desistir de responder que não haverá problema. Em qualquer momento posso perguntar ao pesquisador sobre algo que não que entendi e posso marcar o X em mais de uma resposta.

Recebi uma copia desse termo de assentimento, entendi e concordo em participar da pesquisa.

São Carlos, ____ de _____.